

DISCURSO E PODER: REFLEXÕES SOBRE POLIDEZ NAS FALAS DE PRESIDENTES DO BRASIL NO PERÍODO DA NOVA REPÚBLICA (15 DE MARÇO DE 1985 À ATUALIDADE).

Dara Monteiro Liberato Mendes e Valdir Luciano Pfeifer da Silva

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Esse estudo analisa a polidez como elemento de construção do poder simbólico por meio de discursos de presidentes brasileiros durante a 6ª República, compreendendo o período de 1985 até os dias atuais. Utilizando uma abordagem qualitativa e exploratória, o trabalho investiga como esses discursos iniciais estabelecem princípios de governança e moldam a imagem presidencial perante a nação. A pesquisa destaca o conceito de polidez de Brown e Levinson, assim como o papel da teoria de Bourdieu sobre sistemas simbólicos, mostrando como os presidentes utilizam esses elementos para consolidar seu poder e criar um imaginário coletivo favorável à sua liderança. Além disso, o estudo discute como o uso da polidez, manifestada através de cumprimentos a autoridades e outros gestos formais, serve como uma ferramenta política para legitimar o poder do novo governo e promover a ideia de governança compartilhada. O trabalho conclui que, apesar das diferenças nos estilos de cada presidente, há uma convergência na utilização desses recursos discursivos para fortalecer sua posição no cenário político.

Palavras-chave: Polidez discursiva. Poder simbólico. Presidentes da 6ª República brasileira.

ABSTRACT

The study analyzes the use of symbolic power in the inaugural speeches of Brazilian presidents during the 6th Republic, covering the period from 1985 to the present. Using an exploratory qualitative approach, the work investigates how these initial speeches establish governance principles and shape the presidential image before the nation. The research highlights Bourdieu's theories on symbolic systems and Brown and Levinson's concept of politeness, demonstrating how presidents use these elements to consolidate their power and create a favorable collective imagination. Additionally, the study discusses how the use of politeness, manifested through greetings to authorities and other formal gestures, serves as a

political tool to legitimize the new government's power and promote the idea of shared governance. The paper concludes that, despite the differences in each president's style, there is a convergence in the use of these discursive resources to strengthen their position in the political arena.

Keywords: Discursive Politeness. Symbolic Power. Presidents of the 6th Brazilian Republic.

1. INTRODUÇÃO

A polidez tem sido uma característica discursiva fundamental na fala dos chefes de estado do Brasil, no período denominado de 6ª República ou Nova República, porque é através dela que é possível estabelecer um diálogo respeitoso e cordial com a sociedade brasileira e com outras nações. Pode-se dizer que ela é um elemento essencial na comunicação interpessoal, porque permite que as relações sociais sejam construídas de forma mais harmoniosa e respeitosa. Nesse sentido, os chefes de estado devem ter consciência da importância da polidez em suas falas, porque isso pode influenciar positivamente a construção de sua imagem junto à população, bem como favorecer as relações diplomáticas e comerciais com outros países.

Do ponto de vista discursivo, a polidez é uma técnica de comunicação que envolve o uso de certas fórmulas e recursos linguísticos para atenuar a manifestação de atos de fala que possam ser percebidos como ameaçadores à face do interlocutor. Dessa forma, “a polidez discursiva não é apenas uma questão de etiqueta ou de bom senso, mas sim uma ferramenta indispensável para a manutenção da coesão social e do respeito mútuo” (HOUAISS, 1987, p. 245). É preciso ter em mente que a polidez não deve ser vista como uma forma de fraqueza ou submissão, mas sim como uma estratégia inteligente para estabelecer relações sociais, diplomáticas e comerciais positivas.

A 6ª República brasileira, ou Nova República, teve início em 15 de março de 1985, marcando o fim dos 21 anos de regime militar e a transição para a democracia, com destaque para o restabelecimento de eleições diretas e a promulgação da Constituição de 1988, que garantiu direitos civis e sociais e reforçou a separação de poderes. Caracterizada por um processo contínuo de consolidação democrática por meio da alternância de poder. A 6ª República tem representado uma era de reconstrução democrática e fortalecimento institucional, em que a imagem de cada um dos presidentes marca indubitavelmente tanto as mudanças políticas quanto as transformações sociais e econômicas do país.

Com base nas ideias acima apresentadas, objetiva-se com esse estudo investigar como a polidez discursiva contribui para formação da imagem presidencial durante o período da 6ª república brasileira (iniciado em 15 de março de 1985 e que se estende aos dias de hoje). Nessa perspectiva, tal investigação colabora para a compreensão de como os presidentes brasileiros usam estratégias linguísticas para criar e transmitir uma imagem à sociedade, seja dentro ou fora do Brasil. Assim, a polidez discursiva passa a ser uma forma de o presidente exercer seu poder simbólico e legitimar seu governo.

A metodologia adotada neste trabalho combina uma análise qualitativa e exploratória, amparada pelo método indutivo e embasada por referencial teórico que molda a reflexão construída ao longo do percurso apresentado. A pesquisa se concentra em um corpus formado a partir de um plano amostral de falas/discursos públicos de presidentes do Brasil durante a 6ª república (nova república: 1985 aos dias atuais), buscando compreender de que forma a polidez discursiva contribui para formação da imagem presidencial na nova república

Sendo assim, o presente texto sobre polidez discursiva na fala dos chefes de estado brasileiros evidencia a importância dessa característica para a construção e manutenção da imagem presidencial durante a 6ª república. Ao explorar como os presidentes utilizam recursos linguísticos para moldar sua imagem pública e exercer seu poder simbólico, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda dos mecanismos discursivos que sustentam a autoridade política no Brasil contemporâneo. Outrossim, a investigação acerca da polidez discursiva emerge como um elemento de importância central na configuração das relações sociais, diplomáticas e comerciais do país, além de ser um instrumento essencial na gestão da imagem e do poder presidencial.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O referencial teórico aqui apresentado é fundamentado na construção de uma tecitura na qual reflexões, definições e conceitos sobre discurso, polidez e poder se interrelacionam. Para isso, são articuladas ideias que consideram a linguagem como um instrumento crucial para a construção social e política do chefe de estado brasileiro. Ou seja, a partir dessa base teórica, busca-se compreender como esses elementos discursivos são empregados para estabelecer e reforçar relações de poder, bem como para moldar a imagem pública dos chefes de estado do Brasil no contexto da Nova República. Dessa forma, o arcabouço teórico não apenas delinea o panorama acadêmico existente sobre o assunto, mas também oferece uma estrutura conceitual que orienta a análise e interpretação dos dados coletados, proporcionando uma discussão mais aprofundada e crítica dos resultados obtidos. Essa abordagem teórica visa, portanto, não apenas descrever as práticas discursivas, mas também desvendar os mecanismos subjacentes que conferem legitimidade e autoridade aos líderes

políticos, contribuindo para um entendimento mais amplo das dinâmicas de poder no cenário brasileiro.

2.1 DA POLIDEZ DISCURSIVA E O DO PODER PRESIDENCIAL

Em muitos contextos sociais, a polidez discursiva é uma forma de demonstrar respeito, estabelecer conexões sociais e aumentar a eficácia da comunicação. No entanto, a polidez discursiva também pode ser usada como uma forma de exercer poder sobre os outros, para persuadir ou influenciar comportamentos, visto que o discurso e o poder estão intimamente relacionados. O poder se manifesta de diversas formas, e uma delas é através do uso do discurso. A partir do momento em que um indivíduo ou grupo detém o controle sobre a linguagem e a forma como as palavras são utilizadas, é possível manipular a opinião pública e exercer influência sobre a sociedade.

Para Van Dijk (2015), o discurso é uma forma de poder, já que a linguagem é usada para construir representações mentais do mundo e influenciar a forma como as pessoas percebem a realidade. O poder, continua o autor, pode ser exercido através de estratégias discursivas, tais como a seleção de tópicos, a escolha de palavras e a construção de argumentos. Além disso, os discursos são usados para legitimar ou deslegitimar ações, ideias e grupos sociais. Veja a seguir um fragmento de discurso presidencial em que Lula utiliza dessas representações mentais para conduzir o auditório a compreender sua fala.

O destino de cada criança que nasce neste planeta parece traçado ainda no ventre de sua mãe. A parte do mundo em que vivem seus pais e a classe social à qual pertence sua família irão determinar se essa criança terá ou não oportunidades ao longo da vida. Se irá fazer todas as refeições ou se terá negado o direito de tomar café da manhã, almoçar e jantar diariamente. Se terá acesso à saúde, ou se irá sucumbir a doenças que já poderiam ter sido erradicadas. Se completará os estudos e conseguirá um emprego de qualidade, ou se fará parte da legião de desempregados, subempregados e desalentados que não para de crescer (Discurso lido pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas, na sede da ONU, em Nova York (EUA), em 19 de setembro de 2023).

Cabe destacar que o discurso é uma forma de prática social que pode tanto manter quanto desafiar relações de poder existentes na sociedade. As relações de poder podem ser manifestas tanto no nível macro, em discursos de políticos e instituições, quanto no nível micro, em interações cotidianas entre indivíduos. Nesse sentido, o discurso é uma ferramenta importante para a manutenção ou mudança das relações de poder existentes na sociedade (FAIRCLOUGH, 2018).

Segundo Goffman (2014), a imagem pública é uma construção social, logo a polidez discursiva pode ser usada para criar e manter a imagem da figura pública de alguém eleito por seus concidadãos para governar o país. Além disso, a polidez discursiva, em tratando-se da imagem presidencial se torna relevante à compreensão dos processos de legitimação do

poder. De acordo com Bakhtin (2010), o discurso é influenciado por diferentes perspectivas e pontos de vista, dependendo da capacidade de se conectar com as diferentes vozes presentes na interação discursiva. Nessa visão, a discursividade perfaz uma arena de luta pelo poder, uma vez que diferentes vozes podem entrar em conflito na construção de significados.

A linguagem é uma forma de poder simbólico, conforme Bourdieu (2018), que é usada para estabelecer relações de dominação e subordinação. Sendo assim, pode-se considerar que o discurso é uma ferramenta importante para a manifestação do poder na sociedade. Destaca-se que o discurso pode ser utilizado para construir representações mentais da realidade, influenciar a opinião pública, manter ou desafiar relações de poder existentes na sociedade, envolvendo a interação entre diferentes perspectivas, vozes e ideologias.

No Brasil, a exemplo de outros países que têm no poder executivo a principal imagem de governança de uma sociedade, o discurso é uma ferramenta fundamental para a legitimação e manutenção desse mesmo poder. Da mesma forma, outras questões que são da natureza do próprio executivo exprimem-se mormente por meio do discurso. O poder executivo se vale do discurso para construir a imagem de um estado forte e eficiente, capaz de resolver os problemas sociais do país. O discurso do executivo se baseia em uma ideologia do progresso, que busca convencer a população de que o desenvolvimento econômico é a chave para a superação dos problemas sociais. Nesse sentido, a retórica do executivo busca enfatizar a importância das reformas econômicas e da atração de investimentos estrangeiros como forma de garantir o desenvolvimento (CHAUÍ, 2014).

O discurso do poder executivo é marcado pela retórica da modernização. Esse poder da república busca construir a imagem de um estado moderno e eficiente, capaz de acompanhar as transformações do mundo contemporâneo. Essa retórica é marcada pela ênfase na necessidade de modernização das instituições públicas e pela busca por parcerias público-privadas como forma de ampliar a eficiência do estado em um cenário cada vez mais globalizado (ARANTES, 2016).

Em síntese, o discurso é uma ferramenta fundamental para a legitimação e manutenção do poder, frequentemente utilizada por meio de estratégias como a polidez, que facilitam a comunicação e contribuem para a criação de uma imagem presidencial alinhada às expectativas da população. Essas estratégias discursivas afetam significativamente a maneira como a sociedade vê e percebe seus líderes, influenciando tanto a aceitação quanto a crítica das ações governamentais. Desse modo, o uso estratégico da linguagem e da polidez molda a percepção pública e fortalece a autoridade e a legitimidade dos governantes, sendo crucial para a consolidação do poder político presidencial.

2.2 A POLIDEZ DISCURSIVA EM BROWN E LEVINSON

A polidez discursiva é um elemento crucial nas interações sociais e políticas, especialmente no contexto dos líderes de estado. No Brasil, desde a redemocratização em 1985, os presidentes têm utilizado estratégias de polidez para moldar sua imagem pública e legitimar seu poder para atender expectativas que recaem sobre eles. A teoria da polidez desenvolvida por Brown e Levinson (1987), apresentada em *Politeness: Some Universals in Language Use*, fornece uma base apropriada para o entendimento de como essas estratégias são empregadas no discurso político.

A polidez, conforme escrevem Brown e Levinson (1987), é uma maneira de minimizar ameaças à face do interlocutor, sendo que esta pode ser entendida como a imagem pública que uma pessoa deseja preservar. Os autores distinguem entre dois tipos de face: a face positiva, que se refere ao desejo de ser apreciado e aprovado pelos outros, e a face negativa, que se relaciona ao desejo de ter sua liberdade de ação não limitada. No contexto dos discursos presidenciais, essas noções são fundamentais para entender como os líderes procuram se alinhar às expectativas do público e evitar confrontos desnecessários.

Concomitantemente às faces positiva e negativa, os autores identificam duas categorias de estratégias de polidez: polidez positiva e polidez negativa. A primeira estratégia é utilizada para enfatizar a empatia e a concordância com o interlocutor. O objetivo é apoiar a face positiva da outra pessoa, mostrando que se valoriza o relacionamento. Podem ser incluídos aqui, como exemplo, expressões de solidariedade e o uso de linguagem inclusiva como "nós" e "nossos". O uso de diminutivos, apelidos carinhosos ou o estabelecimento de um terreno comum também fazem parte dessa estratégia. A segunda delas, é voltada para respeitar a autonomia do interlocutor e minimizar a imposição sobre sua liberdade. O foco é proteger a face negativa. Eufemismos, perguntas indiretas e formas de falar que atenuam solicitações ou ordens, abordagens que podem incluir o uso de frases como "Se não se importar..." ou "Você poderia, por favor...". são exemplos típicos dessa forma de estratégia. Desse modo, o fragmento a seguir demonstra a polidez frente a face positiva:

E, Senhor Presidente, o mais universal dos foros com que contamos é esta Assembleia Geral. Aqui nos beneficiamos do mais plural conjunto de perspectivas. Aqui encontramos os parâmetros e as normas para o convívio respeitoso. Aqui haveremos de nos tornar nações mais unidas – em nome do desenvolvimento de nossos povos, da dignidade de nossos cidadãos, da segurança de nosso planeta (Discurso do Presidente da República, Michel Temer, na Abertura do Debate Geral da 72ª Sessão da Assembleia Geral da ONU).

Brown e Levinson (1987) propõem que a escolha da estratégia de polidez depende da percepção de três fatores principais: 1) Desvio social - Relacionado à gravidade da ofensa ou solicitação, que pode ser influenciada pela natureza da ação de fala. Quanto mais grave a ofensa, maior a necessidade de polidez; 2) Poder relativo - Refere-se à diferença de poder

entre os interlocutores. Se uma pessoa tem mais poder social, a outra tende a usar mais polidez negativa para evitar ofender; 3) Distância social - Relaciona-se à familiaridade ou intimidade entre os interlocutores. Em relações próximas, as estratégias de polidez podem ser mais relaxadas.

Outra questão importante que os autores consideram no âmbito de sua teoria é o contexto cultural. Eles reconhecem que as normas de polidez podem variar significativamente entre diferentes culturas. O que é considerado educado em uma cultura pode não ser em outra, e a percepção de face pode diferir. Portanto, a teoria da polidez não é universal, mas se aplica dentro de contextos culturais específicos.

A teoria da polidez de Brown e Levinson, como refletem Cunha e Oliveira (2020), tem implicações importantes para a comunicação, especialmente em contextos sociais e políticos. Ela ajuda a entender como os indivíduos podem negociar suas identidades sociais, gerenciar conflitos e construir relacionamentos por meio da linguagem. Nesse sentido, os estudos de polidez na perspectiva de Brown e Levinson têm sido amplamente utilizados em investigações de interação social, comunicação intercultural, análise do discurso e até mesmo em áreas como marketing e gestão de conflitos. É uma ferramenta útil para entender como a linguagem pode ser utilizada para construir ou ameaçar relacionamentos sociais. Ao enfatizar a importância da face e das estratégias de polidez, a teoria oferece uma estrutura analítica robusta para estudar como a linguagem pode facilitar ou dificultar a comunicação e as relações interpessoais.

Desse modo, voltar o olhar sobre os discursos presidenciais no Brasil, à luz da teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), revela que a polidez discursiva é uma ferramenta essencial para a construção e manutenção do poder. A utilização de estratégias de polidez, seja positiva ou negativa, permite que os presidentes moldem sua imagem pública de acordo com as expectativas sociais e políticas, reforçando sua legitimidade. Ao longo da Nova República, os presidentes brasileiros têm apresentado diferentes abordagens em suas falas, refletindo suas personalidades e os desafios específicos de seus governos. Assim, a polidez discursiva não é apenas uma questão de etiqueta, mas uma estratégia complexa e multifacetada que desempenha um papel central na política e na construção de relações de poder.

2.3 POLIDEZ E ETHOS DISCURSIVO

A polidez discursiva pode ser um meio para criar e manter um ethos positivo e uma imagem pública favorável, que desperta maior empatia e aceitação àqueles que a usam adequadamente. O ethos é um conceito que se refere à imagem que uma pessoa ou instituição constrói de si mesma, enquanto a imagem pública se refere à imagem que o público

tem dessa pessoa ou instituição nos mais diferentes contextos nacionais e/ou internacionais, como visto nos fragmentos de discurso que seguem (CHARAUDEAU, 2016)

Senhor Presidente, excelências, senhoras e senhores, a presença do Brasil nesta Assembleia constitui motivo de orgulho para todos os brasileiros. Temos a consciência de que, pela amplitude de seus temas e pela relevância de suas decisões, a Assembleia Geral é um fórum que se coloca no mais alto patamar dos esforços internacionais [...] (Presidente José Sarney, parágrafo inicial do discurso de abertura da assembleia geral da Organização das Nações Unidas - ONU, 1986).

De acordo com Oliveira (2015), o *ethos* é construído a partir de elementos como a retórica, a postura, a aparência e a trajetória pessoal (elementos que se exteriorizam por meio da polidez discursiva). A autora destaca que a retórica é uma ferramenta fundamental para a construção do *ethos*, já que é através dela que se expressam as ideias, os valores e as crenças do orador. Além disso, a postura e a (aparência também são importantes na construção desse *ethos*, uma vez que demonstram a capacidade de liderança e a credibilidade do político. Soma-se a isso, a trajetória pessoal como parte fundamental à construção do *ethos*, demonstrando a capacidade do orador de superar obstáculos e de se destacar.

Através de sua linguagem e de seu comportamento refletidos, em muito, na maneira como a polidez discursiva é utilizada, a liderança do executivo federal constrói uma imagem que influencia como as pessoas a percebem e nela confiam. A polidez discursiva pode ser usada como uma estratégia para construir um *ethos* positivo e consequentemente uma imagem pública também positiva, nesse caso, demonstrando respeito e consideração pelos outros. A imagem pública é alicerçada a partir da percepção que o público tem de um orador. O discurso é fundamental para a construção da imagem pública, já que é através dele que a sociedade, de maneira geral, de dentro ou de fora do país, identifica as ideias e valores de um governante (MACHADO, 2019 e CHARAUDEAU, 2016)

Conforme destaca Melo (2018), a construção do *ethos* e da imagem pública não é um processo linear, mas sim uma construção que se dá ao longo do tempo. A autora destaca que a construção do *ethos* e imagem pública é influenciada por fatores como a crise política, a polarização ideológica e a mudança na agenda política. Além disso, a construção do *ethos* e imagem pública também é influenciada pela capacidade do político de se adaptar aos novos contextos políticos e de construir novas alianças, processos esses que estão ligados diretamente à maneira como a polidez discursiva é utilizada nas interações sociais realizadas pelo governante.

A polidez discursiva é um elemento fundamental em um processo complexo que é influenciado por diversos fatores, contribuindo significativamente para a construção do *ethos* e da imagem pública dos líderes políticos. Assim, é importante reconhecer que a polidez

discursiva impacta diretamente a percepção que o público e outros líderes mundiais têm do chefe do Executivo federal. Embora os discursos possam variar em estilo e conteúdo, é possível observar que, em ritos cerimoniais — especialmente em contextos internacionais — a polidez discursiva desempenha um papel central na comunicação. Isso não apenas reforça a legitimidade do líder, mas também estabelece um ambiente propício ao diálogo e à colaboração, evidenciando a importância de uma comunicação cuidadosa e respeitosa em relações diplomáticas e políticas.

3. METODOLOGIA

As orientações metodológicas dessa pesquisa estão refletidas nos procedimentos de levantamento de dados e na escolha dos materiais a serem explorados. Desta maneira, a investigação realizada se firmou em uma concepção de corpus que considerou investigar falas/discursos públicos dos líderes do executivo federal brasileiro durante o período que vai de 1985 até os dias atuais. Os efeitos do gesto analítico na seleção, coleta, organização e exploração dos materiais em estudo proporcionaram uma análise crítica do objeto pesquisado.

Em relação à sua classificação, optou-se por uma pesquisa de natureza básica em que o conhecimento científico é real (factual) porque lidou com ocorrências ou fatos, isto é, com toda forma de existência que se manifesta de algum modo (LAKATOS E MARCONDES, 2021); Foi adotada uma abordagem qualitativa para o desenvolvimento dessa pesquisa. Conforme Demo (2008), essa abordagem metodológica valoriza a subjetividade, a complexidade e a singularidade dos fenômenos estudados; No que tange aos objetivos, para que fossem adequadamente alcançados, realizou-se uma investigação de caráter exploratório, com a finalidade principal, nessa perspectiva, de proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, tornando-o mais explícito (GIL, 2019).

Durante a realização dessa pesquisa foi utilizado o método indutivo, valendo-se de um processo de inferência lógica que parte de observações específicas ou exemplos concretos para formular generalizações. Em outras palavras, a utilização desse método visou coletar dados e, a partir deles, estabelecer princípios mais gerais (LAKATOS E MARCONDES, 2021).

Sobre o plano amostral, assim como o instrumento de coleta de dados vale ressaltar que o primeiro constituiu um corpus de análise a partir de falas/discursos públicos de presidentes do Brasil durante a 6ª república (nova república: 1985 aos dias atuais), sendo o segundo configurado a partir da observação/leitura/seleção documental das falas/discursos públicos de presidentes do Brasil durante o período de 1985 até os dias atuais).

Por fim, para essa pesquisa foram utilizados dois tipos de material: a) fontes bibliográficas que pressupõem seleção e análise de informações contidas em livros, artigos científicos, além de outros materiais publicados sobre o tema de interesse. O material bibliográfico, segundo Gil (2019), é geralmente usado como ponto de partida porque permite ao pesquisador acessar o estado atual do conhecimento sobre o assunto; b) fontes documentais que pressupõem seleção e análise de documentos que nesse caso formaram o corpus de análise. Essas fontes documentais foram constituídas por falas/discursos públicos de presidentes do Brasil durante a 6ª república (LAKATOS E MARCONDES, 2021).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O corpus dessa análise apresenta um tipo de discurso presidencial que traz princípios fundamentais de governança, abrindo a jornada do presidente frente ao comando do país. A partir de uma abordagem qualitativa exploratória optou-se por esse tipo de discurso por ser o que inicia o mandato, sendo, portanto, a primeira manifestação oficial do presidente para demonstrações de poder. Em seguida a exposição dos dados são realizadas concomitantemente com base no método indutivo que apresenta dois tipos de premissas específicas na construção dos argumentos desenvolvidos: 1- a escolha de palavras utilizadas frente as noções de polidez de Brown e Levinson; 2- a utilização das palavras para construções/demonstrações de poder. Por fim, na convergência dessas premissas, são apresentadas reflexões sobre polidez na fala dos presidentes brasileiros da Nova República (1985 à atualidade).

Discurso de posse: Descrição: Declaração formal proferida pelo presidente que está assumindo o cargo, em sede do Congresso Nacional, o qual tem como auditório os deputados federais e senadores em exercício, alto escalão das forças armadas, outros políticos nacionais e internacionais, e conta com a presença de personalidades influentes, como grandes empresários que estão intimamente relacionados com a política. O objetivo principal desse discurso é marcar o início da nova posição e estabelecer a visão e os compromissos do novo ocupante do cargo. O auditório desse discurso é especializado em políticas públicas. Abordar-se-á, a seguir, a estrutura observada em todos os discursos de posse dos presidentes da 6ª república brasileira, a fim de compreender aspectos de polidez e poder.

Saudação Inicial e agradecimentos: O discurso inicia com uma saudação a todos os presentes, autoridades, colegas, familiares e cidadãos, os presidentes expressam gratidão a aqueles que corroboraram tanto em sua vida política quanto em sua vida pessoal.

Senhores Ministros, Este Ministério terá sobre seus ombros a tarefa de implementar as transformações econômicas, políticas e sociais que constituiram nossa plataforma eleitoral, e que respondem aos mais legítimos anseios da sociedade brasileira.
(Sarney)



Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República; Excelentíssimos Senhores Chefes de Estado e de Governo estrangeiros; Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara dos Deputados; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal; Excelentíssimos Senhores Chefes das Missões Especiais estrangeiras; Excelentíssimos Senhores integrantes da Mesa; Excelentíssimos Senhores Senadores, Excelentíssimos Senhores Deputados, Altas Autoridades, da República, Senhoras e Senhores. (Collor)

Pode orgulhar-se a Nação capaz de dominar as suas mais graves crises políticas na ordem da Lei. Sábio é o povo que, na conquista e preservação de sua própria liberdade, expressa veemência no clamor das ruas e na serenidade de seus atos. Soubemos caminhar estes meses difíceis, sem arranhar as nossas leis e sem violar aqueles princípios permanentes do Direito que, embora não escritos, constituem o fundamento das sociedades políticas (Itamar Franco)

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional, Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, Excelentíssimos Senhores Chefes de Estado e de Governo estrangeiros, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal, Excelentíssimos Senhores Chefes das Missões Especiais estrangeiras, Excelentíssimos Senhores integrantes da Mesa, Excelentíssimos Senhores Senadores, Excelentíssimos Senhores Deputados, Altas Autoridades da República, Senhoras e Senhores (Fernando Henrique Cardoso)

Sr^{as} e Srs. Governadores; Sr^{as} e Srs. Senadores; Sr^{as} e Srs. Deputados Federais; Sr^{as} e Srs. Representantes da Imprensa; meus queridos brasileiros e brasileiras, pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher. (Dilma)

Boa noite a todos! Assumo a presidência do Brasil, após decisão democrática e transparente do Congresso Nacional. O momento é de esperança e de retomada da confiança no Brasil. (Temmer)

Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge, Senhoras e senhores governadores, Senhoras e senhores senadores e deputados federais, Senhoras e senhores chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro, Minha querida esposa Michelle, daqui vizinha Ceilândia, Meus filhos e familiares aqui presentes – a conheci aqui na Câmara, Brasileiros e brasileiras, (Bolsonaro)

Pela terceira vez compareço a este Congresso Nacional para agradecer ao povo brasileiro o voto de confiança que recebemos. Renovo o juramento de fidelidade à Constituição da República, junto com o vice-presidente Geraldo Alckmin e os ministros que conosco vão trabalhar pelo Brasil. (Lula)

Brown e Levinson (1987) se debruçaram nos estudos da polidez linguística construindo como base norteadora a identificação de chamados “universais linguísticos”, é exposto por eles que identificar características comuns é a fórmula para entender como é a cultura da polidez na sociedade, assim como as propriedades linguísticas. Observa-se nos fragmentos iniciais que a forma do discurso de posse não é pessoal, não há grandes variações entre os presidenciais, que somente se dividem em 2 categorias, 1- os que foram eleitos diretamente; 2-os que assumiram o posto presidencial pós a vacância de seu antecessor. Sendo assim, observa-se que há indícios de que essa estrutura não é irrelevante e sim, tem aspectos mais profundos para a sua perpetuação ou para sua mudança.

Acresce para a discussão os estudos de Goffman (2014), que disserta sobre a importância da autorregulação dos indivíduos em encontros sociais, defendendo que as pessoas não apenas sigam as regras, mas também ajustem seu comportamento com base nas dinâmicas sociais que estão inseridas, para ele, embora possamos falar de uma natureza universal, essa natureza não é característica intrínseca dos indivíduos, em vez disso, é

moldada por normas sociais e culturais, isso implica que o comportamento humano, em grande parte, é uma construção social.

Nesse sentido, a sistemática utilizada pelos presidentes tem variação significativa nas palavras de Itamar Franco e Michael Temmer, demonstrando as necessidades dos oradores em realizar adaptações no discurso frente as circunstâncias da posse. Nesse sentido, ambos os presidenciais iniciam seus discursos debruçando sobre a legitimidade de suas personas como autoridade do executivo federal, essa dinâmica se dá pela subida ao posto presidencial com a vacância do cargo pelos seus antecessores Collor e Dilma respectivamente, que fora impeachmados. Desse modo, os presidentes adaptam seus discursos para que as saudações versem sobre o processo democrático e, por conseguinte, legitimem o seu poder na imagem presidencial.

Vale ressaltar que Brown e Levinson (1987) estudam a polidez observando os pontos em comum para conseguir traçar paralelos e Goffman (2014) acresce dizendo que os paralelos são importantes e válidos, mas eles individualmente são insuficientes para a determinar as relações. Desse modo, fica claro que as teorias não são antagônicas, e sim, se complementam para solidificar os estudos acerca da polidez linguística. Nesse sentido, tem-se expectativas que ao abrir o discurso o presidencial utilize da polidez como uma ferramenta política nas relações de poder.

Em suma, fica claro que os longos cumprimentos as autoridades políticas no início do discurso é uma manifestação de poder através da polidez, sendo a polidez um instrumento para legitimar as autoridades que em conjunto determinarão os rumos do país, criando uma atmosfera de união e agregando os princípios democráticos de governança compartilhada, quando o presidente eleito diretamente profere a posse. Nesse sentido, assim como afirma Brown e Levinson (1987), a polidez se demonstra não apenas uma questão de etiqueta, mas sim como instrumento capaz de agregar positivamente para as relações.

Desse modo, observando o padrão diferente que acontece na ascensão do vice-presidente, pode-se compreender a manifestação de poder nesse momento como a necessidade de demonstrar legitimidade própria através do discurso, tendo em vista que o poder legislativo e judiciário quando ocorre o processo do impeachment estão na máxima do exercício de poder das suas respectivas funções no sistema de pesos e contrapesos, conforme extraído da Constituição Federal do Brasil (1988) principalmente nos artigos 85 e 86. Desse modo, demonstrando que a ferramenta da polidez pode ser utilizada não somente para criar um ambiente de união, mas também para demonstrações de poder.

Visão e Metas: Descrição: O discurso de posse dos presidentes da Nova República apresenta a visão para o futuro e os objetivos que pretendem alcançar. Nesse sentido, inclui a descrição das prioridades, estratégias e áreas de foco durante o mandato.

Nesta mesa se reflete uma característica essencial da Nova República: A unidade do Governo expressada em pluralidade partidária ampla e ponderável. **Juntos assumimos** hoje, perante a Nação, o solene compromisso com a democracia e a justiça. Juntos nos comprometemos a pautar-nos pela seriedade na administração da coisa pública, **pela devoção no serviço do País, pelo respeito ao cidadão e pela firme determinação de preservar os altos valores da nacionalidade.** (Sarney)

É meu dever apresentar-lhes, resumindo minhas propostas de candidato e a profissão de fé de presidente eleito, as diretrizes do meu projeto de reconstrução nacional. Procurarei cingir-me a tópicos essenciais, para que tenham diante de si, com nitidez, os grandes temas de meu programa, consagrados pelos votos majoritários de novembro e dezembro de 1989. São eles: democracia e cidadania; **a inflação como inimigo maior; a reforma do Estado e a modernização econômica; a preocupação ecológica; o desafio da dívida social;** e, finalmente, a posição do Brasil no mundo contemporâneo. (Collor)

Tenho procurado, como a Nação pode testemunhar, **resolver os problemas aparentemente simples, mas imensos na vida cotidiana dos brasileiros. Estamos tomando medidas para que os remédios e alimentos se tornem mais baratos.** E esperamos fazê-lo com relação aos bens de consumo geral. Reduzimos as tarifas de energia elétrica para os pequenos consumidores e estudamos medidas análogas, no quadro de políticas sociais compensatórias. A saúde é um dos primeiros compromissos do Governo. (Itamar Franco)

[...] a maioria absoluta dos brasileiros fez uma opção pela continuidade do Plano Real e pelas reformas estruturais necessárias para afastar de uma vez por todas o fantasma da inflação. **A isso eu me dedicarei com toda a energia, como Presidente, contando com o apoio do Congresso, dos estados e de todas as forças vivas da Nação.** (Fernando Henrique Cardoso)

É preciso, antes de tudo, criar condições reais, efetivas, capazes de aproveitar e potencializar ainda mais e **melhor a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro.** No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Esse é um passo decisivo e irrevogável para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população no período do Governo do Presidente Lula. (Dilma)

Meu compromisso é o de resgatar a força da nossa economia e recolocar o Brasil nos trilhos. Sob essa crença, destaco os alicerces de nosso governo: eficiência administrativa, retomada do crescimento econômico, geração de emprego, segurança jurídica, ampliação dos programas sociais e a pacificação do país. (Michel Temer)

Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão. Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: **que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias;** que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição. (Jair Bolsonaro)

Hoje, nossa mensagem ao Brasil é de esperança e reconstrução. O grande edifício de direitos, de soberania e de desenvolvimento que esta Nação levantou, a partir de 1988, vinha sendo sistematicamente demolido nos anos recentes. É para reerguer este edifício de direitos e valores nacionais que vamos dirigir todos os nossos esforços. (Lula)

Para Carvalho (1995), a criação de um imaginário é essencial para qualquer regime político, é através desse imaginário que a população é tocada em seu íntimo, possibilitando que se estabeleça identidades, metas, além de organizar a visão sobre o passado, o presente

e o futuro. Nesse sentido, é possível associar que os discursos presidenciais sem dúvida corroboram para essa construção, tendo em vista a importância e a própria função do cargo. Desse modo, nos discursos de posse dos presidentes, quando eles explicitam suas visões e metas tem-se a atmosfera perfeita para conduzir o imaginário coletivo, considerando que é o primeiro pronunciamento e embora já seja uma figura conhecida durante as eleições tem um peso maior após a chegada na presidência.

Sob esse viés, as interações sociais não são simplesmente a soma das ações individuais; elas geram novas dinâmicas e significados. Isso implica que a análise das interações deve ir além dos indivíduos e considerar o contexto social mais amplo. Brown e Levinson criticam o "cognitivismo", que sugere que modelos que se concentram apenas em processos mentais e individuais podem falhar em capturar a complexidade das interações sociais. Em contrapartida, o "interacionismo" enfatiza a importância do contexto e das dinâmicas sociais na formação da comunicação. Nesse sentido, os presidentes constroem suas visões e metas no discurso pautadas na melhoria social brasileira, o que é de fato esperado nesse tipo de discurso, mas também se valem do contexto fático no cenário político em que assumem e da sua jornada individual até a cadeira do executivo federal brasileiro.

Bourdieu (2018), quando relaciona poder e linguagem cria o conceito de "sistemas simbólicos", estes são ferramentas estruturadas (pois estão no imaginário coletivo) e estruturantes (pois corroboram para acrescentar no imaginário coletivo) que desempenham uma função política, eles servem para impor ou legitimar a dominação. O "poder simbólico" é descrito como um poder que constrói a realidade social, estabelecendo uma ordem gnoseológica (ou seja, relacionada ao conhecimento e à compreensão). Nesse sentido, ele compreende que é manifestado o poder quando através da linguagem é utilizado conceitos uniformes como: tempo, espaço, número e causa. Sendo assim, o orador gera conformismo e influência para moldar a percepção imediata do mundo.

Desse modo, demonstrando a necessidade de criação desse imaginário por Carvalho, a relevância dos contextos para Brown e Levinson e formas de criação desse imaginário por Bourdieu, é possível observar nos recortes selecionados do discurso de posse sobre visões e metas diversos momentos em que os presidentes da 6ª República brasileira utilizam do poder simbólico, ou seja, de estruturas já presentes no imaginário coletivo para construir, moldar e redirecionar a imagem desejada de líder. Acresce a discussão a forma que em conjunto a utilização dessas estruturas os presidenciais utilizam da polidez frente a face positiva, chamando a população para resolver os problemas em conjunto, como também frente a face negativa, quando atenuam os problemas, a fim de conversar conduzindo a

população brasileira, os principais momentos em os presidenciais utilizam dessas ferramentas estão destacadas no fragmento do discurso.

Descrição do acontecimento: Nos discursos de posse, independente dos objetivos individuais, os presidenciais dão explicações sobre o cenário político e os impactos futuros na sociedade brasileira com a sua chegada na cadeira presidencial, informando a população sobre seus julgamentos acerca da política atual. Esse momento no discurso é o início da construção do ethos como presidencial, entretanto, vale ressaltar que como destaca Melo, é um processo, e aplicando esse conceito no ambiente presidencial, compreende-se que a imagem da persona já fora construída anteriormente. Portanto, nesse momento da trajetória política o presidencial assume seus pontos fortes. A seguir, abordar-se-á a polidez e a manifestação de poder observada na construção do ethos.

Se não bastasse o imperativo ético, não faltaria uma razão política maior a ditar essa postura. É que estou convencido de que a austeridade no Governo será fator decisivo para o êxito do grande projeto de transição para o regime constitucional democrático, um dos mais importantes capítulos da carta-compromisso da Aliança Democrática. (Sarney)

A inflação é, além disso, um enorme fator de desmoralização. Desmoralização interna, pelo aviltamento do salário e o despudor da especulação desbragada. Desmoralização externa, pelo contínuo desgaste da imagem internacional do Brasil. Um país que admite conviver para sempre com a ciranda inflacionária pode ser respeitado pelo seu tamanho e potencial, nunca por seu desempenho efetivo. Nada repugna mais ao espírito de cidadania que a corrupção, a prevaricação e o empreguismo. Bem sabem Vossas Excelências que fiz da luta pela moralidade do serviço público um dos estandartes de minha campanha. (Collor)

Os dirigentes e o nosso povo agiram com a mansidão dos justos, com a paciência dos justos. Com a paciência dos justos, recuperaram os postulados éticos que cimentam e suportam a estrutura dos Estados. A Nação, na firmeza que conduziu estas horas, declarou haver chegado àquele ponto da sua maturidade histórica que não admite mais retrocessos. Não há força que nos impeça cumprir o grande destino que foi o sonho e o sangue de nossos heróis e mártires. (Itamar Franco)

As pessoas e as empresas que produzem riqueza – resistiram aos rigores da estagnação e da inflação. Sobreviveram. Saíram fortes da provação. Nossos empresários souberam inovar, souberam refazer suas fábricas e escritórios, souberam vencer as dificuldades. Os trabalhadores brasileiros souberam enfrentar as agruras do arbítrio e da recessão e os desafios das novas tecnologias (Fernando Henrique Cardoso)

O caminho que temos pela frente é desafiador. Conforta-nos, entretanto, saber que o pior já passou. Indicadores da economia sinalizam o resgate da confiança no país.

Nossa missão é mostrar a empresários e investidores de todo o mundo nossa disposição para proporcionar bons negócios que vão trazer empregos ao Brasil. Temos que garantir aos investidores estabilidade política e segurança jurídica. Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber neste momento uma centelha da sua imensa energia e sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa dessa ousadia do voto popular que após levar à Presidência um homem do povo, um trabalhador, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do País. (Dilma)

Para garantir os atuais e gerar novos empregos, temos que modernizar a legislação trabalhista. A livre negociação é um avanço nessas relações. (Temmer)

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas. Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva,

responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios. Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. (Bolsonaro).

Ao retornar a este plenário da Câmara dos Deputados, onde participei da Assembleia Constituinte de 1988, recordo com emoção os embates que travamos aqui, democraticamente, para inscrever na Constituição o mais amplo conjunto de direitos sociais, individuais e coletivos, em benefício da população e da soberania nacional. Vinte anos atrás, quando fui eleito presidente pela primeira vez, ao lado do companheiro vice-presidente José Alencar, iniciei o discurso de posse com a palavra "mudança". A mudança que pretendíamos era simplesmente concretizar os preceitos constitucionais. A começar pelo direito à vida digna, sem fome, com acesso ao emprego, saúde e educação. (Lula).

Para Maingueneau (2005), "por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador", ou seja, ele atribui ao discurso papel fundamental para democracia, pois é através dele que o político pode ser conhecido pela população, para ele, a escolha de palavras cria um efeito prescritivo, alinhando o texto com o universo de sentido que ele pretende criar ou reforçar.

Charaudeau (2011), ao tratar da questão de saber se o ethos resulta de uma construção discursiva (ethos construído) ou provém de uma instância anterior ao discurso (ethos pré-construído), defende uma perspectiva intermediária. Ele argumenta que, para formar uma imagem do sujeito que fala, o interlocutor se baseia tanto nas informações obtidas ao longo do discurso quanto em dados sobre a pessoa. Desse modo, no contexto dos presidentes brasileiros, eles utilizam da polidez para, sabendo o que a opinião pública pensa a seu respeito, tocar em assuntos sensíveis utilizando a polidez frente a face negativa principalmente, mas também frente a face positiva, como é possível ver em fragmentos extraídos do discurso de posse.

Em síntese, é possível observar que os presidenciais não só utilizam da polidez, mas na construção do ethos utilizam o que opinião pública pensa a seu respeito para reforçar esses traços no discurso, com a observação dos discursos de posse e dos outros selecionados nesse presente trabalho (abertura da Onu e declarações públicas), observa-se a seguinte construção do ethos de cada presidencial: Sarney, o imortal da academia brasileira de letras, conciliador e tradicional; Fernando Collor de Mello, modernizador e autoritário, o caçador de marajás; Itamar Franco, moderado e patriótico; Fernando Henrique Cardoso, intelectual, persuasivo, neoliberal; Dilma, tecnicista, determinada e feminista; Michael Temer, pragmático e resoluto; Bolsonaro, antissistema, provocador e polêmico; Lula, o ex-operário carismático e popular.

Sob este viés, compreende-se que cada presidencial ressalta suas individualidades no discurso de posse, acresce a discussão os estudos de Costa (2016) sobre o assunto, ele defende que os recursos linguístico que o sujeito utiliza para persuadir seu destinatário possui duas dimensões: 1- relacionada à identidade social do locutor, que lhe confere autoridade

para falar, 2- sua identidade discursiva, que é projetada de acordo com o papel discursivo que desempenha e a estratégia que pretende adotar, em paralelo a ele, Charaudeau (2016) defende que legitimidade e credibilidade são características correlatas, pois a legitimidade conferida a um candidato pelo voto não é absoluta, e sim necessária de manutenção constante.

Nesse sentido, Fairclough se debruça para compreender a forma com que a construção do ethos se relaciona com o poder, vejamos:

Quando se enfatiza a construção, a função da identidade da linguagem começa a assumir grande importância, porque as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para seus membros são um aspecto fundamental do modo como elas funcionam, como as relações de poder são impostas e exercidas, como as sociedades são reproduzidas e modificadas (FAIRCLOUGH, 2001).

Desse modo, é possível estabelecer um paralelo de que quando os presidenciais reforçam as características que a imagem pública previamente tem deles na construção do ethos com sua individualidade, os presidenciais conseguem exercer poder sobre a população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo contribuir para o entendimento da relação entre polidez discursiva e a imagem presidencial na nova república. A análise procurou compreender como os presidentes brasileiros moldam suas imagens e como a retórica presidencial pode influenciar a opinião pública. Ademais, buscou-se clarificar a ideia de que as palavras carregam consigo um poder, e por isso não são escolhidas aleatoriamente, e sim, são utilizadas através de técnicas discursivas, influenciando diretamente as práticas sociais. A partir de uma abordagem pragmática, cujo foco esteve centrado em algumas das proposições de Brown e Levinson sobre a polidez, organizou-se um corpo teórico que contribuiu para esse intento.

Os resultados identificaram que a polidez é uma importante ferramenta nos discursos presidenciais da nova república, e, conseqüentemente, está intimamente relacionada ao poder que os presidenciais buscam legitimar, em si e nos outros companheiros de políticas públicas. Compreendeu-se que a polidez no discurso político funciona não apenas como meras palavras, mas como instrumentos performativos que efetivamente criam, regulam e transformam a sociedade. Estas expressões, enquanto parte do discurso político, ao serem enunciadas em contextos oficiais, comunicam regras e desempenham uma função pragmática essencial na organização e manutenção da ordem social, respondendo à questão que motivou essa investigação: De que forma a polidez discursiva contribui para formação da imagem presidencial na nova república (1985 à atualidade)?

De maneira geral, os estudos que versam sobre discurso e poder têm ganhado espaço para inúmeras publicações nacionais e internacionais, de tal forma que este trabalho contribui para o avanço da ciência nesse encontro de duas áreas do saber: a linguagem e a política. Por outro lado, existe ainda uma lacuna a ser melhor investigada, que é a de pensar como a polidez é vista pela ótica da população.

Em relação às limitações encontradas, é importante dizer que o estudo pode ser aprofundado, *a posteriori*, por meio de uma abordagem mista, não apenas qualitativa, como foi essa, mas também quantitativa, a fim de que o cruzamento de dados possa garantir resultados mais robustos, indo além desses aqui apresentados. Desse modo, a importância da política na vida civil sugere que há sempre espaços para olhar para as ferramentas utilizadas pelos presidentes na construção dos discursos.

Ao investigar de que forma a polidez discursiva contribui para formação da imagem presidencial na nova república (1985 à atualidade), este trabalho revelou como essas expressões desempenham um papel crucial no cenário político brasileiro. Os resultados mostraram que a polidez quando utilizada não só cria uma atmosfera pública positiva, mas também contribui para legitimar o poder do presidencial e influenciar diretamente a população brasileira. Ao integrar a teoria do ethos discursivo, o trabalho contribuiu para o entendimento da linguagem na construção e manutenção de poder dos presidenciais.

Por fim, este estudo sublinha a importância da polidez não somente para cordialidade, mas como instrumento ativo que molda a visão do corpo social frente ao presidente. Ao destacar o poder performativo dessas expressões, a pesquisa dá luz ao fato de que o discurso de posse carrega consigo uma força transcende a mera comunicação, impactando diretamente na maneira com que a sociedade percebe as políticas realizadas pelo presidencial e pelos seus antecessores, oferecendo uma base para futuras pesquisas e reflexões que entrelaçam discurso e poder.

6. REFERÊNCIAS

ARANTES, P. Modernização e discurso do desenvolvimento no Brasil: os anos JK e o capitalismo contemporâneo. São Paulo: Boitempo, 2016.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2018.

BOLSONARO, Jair. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://cdn.oantagonista.com/uploads/2019/01/Discurso-Jair-Bolsonaro-no-Congresso.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BROWN, P.; LEVINSON, S. Politeness: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARDOSO, Fernando Henrique. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 01 jan. 1995. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/fhc/discurso-de-posse-1995> Acesso em: 15 ago. 2024.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHARAUDEAU, P conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

CHAUÍ, M. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

COLLOR, Fernando. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 15 mar. 1990. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-collor/discursos/discurso-de-posse/posse-collor.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CUNHA, G. X.; Oliveira, A. L. A. M. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. Estudos Da Língua(gem), v. 18, 2020.

Discurso de abertura da 71ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, proferido pelo Presidente Michel Temer. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/71/PV.2. Acesso em: 05 mai. 2024

Discurso de abertura da 41ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, proferido pelo Presidente José Sarney. Disponível em: https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/41/PV.2. Acesso em: 05 maio. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRANCO, Itamar. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 29 dez. 1992. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/itamar-franco/discursos/discurso-de-posse>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2019. GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 20ª edição; Petrópolis: Vozes, 2014.

HOUAISS, Antônio. Polidez Discursiva. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). Introdução à Linguística. Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 1987. p. 245.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia Científica. 9ª edição. São Paulo: Atlas, 2021.

LULA, Luiz Inácio. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 01 jan. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/01/posse-lula-discursos-congresso-planalto-integra.htm>. Acesso em: 17 ago. 2024.

LULA DA SILVA, Luiz Inácio. Discurso na abertura da 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Nova York, 19 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-78a-assembleia-da-onu>. Acesso em: 02 ago. 2024.

MACHADO, M. L. C. Imagem pública de políticos no Brasil contemporâneo: uma análise do discurso jornalístico. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Florianópolis, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Campinas: Pontes, 2008.

MELO, M. A. A construção da imagem do político: uma análise do discurso jornalístico. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2018.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 01 jan. 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/448217-integra-do-discurso-de-posse-da-presidente-dilma-rousseff-no-congresso/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SARNEY, José. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 15 mar. 1985. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/jose-sarney/discursos/discurso-de-posse/discurso-de-posse/view>. Acesso em: 15 ago. 2024.

TEMER, Michel. Discurso de posse. Brasília: Presidência da República, 31 ago. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/integra-do-1-pronunciamento-de-temer-como-presidente-veja-e-leia.html> Acesso em: 15 ago. 2024.

VAN DIJK, T. A. Discurso e poder. São Paulo: Contexto, 2015

Contatos: 10400340@mackenzista.com.br e 7000040@mackenzie.br